

Bem além de Joe Sacco: ética, técnica e estética de narrativas jornalísticas brasileiras em quadrinhos

Beyond Joe Sacco: ethics, technique and aesthetics of brazilian journalistic narratives in comics

Marcos Antônio ZIBORDI¹

Resumo

Pretendemos apresentar e discutir a produção recente de quadrinhos jornalísticos no Brasil, entre 2015 e 2019, sobretudo aqueles publicados após serem apresentados como trabalhos de conclusão de curso, quase todos em Jornalismo e oriundos de universidades federais de diversas regiões do país. Abordamos ainda produções para internet, novos autores, financiamento coletivo e alternativas de comercialização. Coligimos doze obras, analisadas sob a tríade do “eticamente comprometido”, “esteticamente renovador” e “racionalmente complexo”, conforme a obra teórica de Cremilda Medina (1988, 1991, 2001, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016). Concluimos que a produção atende boa parte dos pressupostos de narrativas polifônicas e polissêmicas em sociedades que se pretendem democráticas.

Palavras-chave: Jornalismo. Quadrinhos. Ética. Técnica. Estética.

Abstract

We intend to present and discuss the recent production of journalistic comics in Brazil, between 2015 and 2019, especially those published after being presented as conclusion papers, almost all in Journalism and from federal universities in different regions of the country. We also cover productions for the internet, new authors, collective financing and marketing alternatives. We collected twelve works, analyzed under the “ethically compromised”, “aesthetically renewing” and “rationally complex” triad, according to the theoretical work of Cremilda Medina (1988, 1991, 2001, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016). We conclude that the production meets a good part of the assumptions of polyphonic and polysemic narratives in societies that claim to be democratic.

Key words: Journalism. Comics. Ethic. Technical. Aesthetic.

Introdução

Estaria ocorrendo no Brasil uma “alvorada em quadrinhos”, especificamente jornalísticos? A expressão entre aspas reproduz título de obra dessa possível linhagem e

¹ Doutor em Ciências da Comunicação. Grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: mzibordi@hotmail.com

faz referência a Alvorada, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. Trata-se do livro *Alvorada em quadrinhos* (2017), de Pablito Aguiar, longa narrativa jornalística em imagens, com perfis de moradores da cidade captados a partir de entrevistas. A primeira versão das histórias saiu no jornal local *A Semana*, quinzenalmente, durante um ano. Começou em fevereiro de 2016 e, no ano seguinte, o autor, então recém-graduado em Comunicação Digital, editou e editorou os perfis em livro, com tiragem de 500 exemplares. Sem editora, a narrativa pode ser adquirida pela internet, diretamente do autor, ou em loja especializada em São Paulo, capital.

Temos nesse exemplo aspectos importantes da incipiente produção de jornalismo em quadrinhos no Brasil, a qual pretendemos abordar através dos conceitos de “eticamente comprometido”, “racionalmente complexo” e “esteticamente renovador”, recorrentes na obra de Cremilda Medina (1988, 1991, 2001, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016). Com *Alvorada em quadrinhos* (2017) lança-se um novo autor saído da graduação universitária, cuja produção é comercializada, como a maioria das obras analisadas neste artigo, em negociação direta ou através de editoras; a pauta local evidencia o jornalismo possível fora do eixo e do modelo predominante na parêntese Rio-São Paulo; há ainda outros aspectos, como viés humanitário, opções narrativas e formatos diferenciados das obras. Pretendemos chamar a atenção para aquilo que ainda não seria tendência, mas, talvez, seu início relevante, em pelo menos três características verificáveis, a ética, a técnica e a estética, além de, editorialmente, pontuarmos a alteração de esquemas tradicionais de produção, circulação e consumo jornalísticos.

Será que, após anos lendo e admirando a memorável obra jornalística desenhada por Joe Sacco, representante mundial do gênero, o formato estaria começando a aparecer, no Brasil, em trabalhos de conclusão de curso que chegam ao mercado? Editoras estariam se interessando por iniciativas de recém-formados, além de autores profissionais? Ou os autores dispensam atravessadores e preferem vender diretamente?

Nas obras aqui analisadas, ocorrem essas e outras situações, como financiamento coletivo via internet. Há ainda rebatimentos em importantes questões de linguagem e autoria, variando entre individual e coletiva, nos casos em que nem sempre a pesquisa de base, o roteiro, a escrita e o desenho são feitos pela mesma pessoa.

Comprometimento ético

Em seu trabalho sobre a pragmática do jornalismo, Manuel Carlos Chaparro afirma, em maiúsculas, que “Ética, Técnica e Estética formam a tríade solidária e inseparável da ação jornalística” (1994, p. 13). Quem repropõe essa tríade em diversos contextos ao longo de sua obra teórica é Cremilda Medina. Podemos encontrar essa referência nos anais do primeiro encontro interdisciplinar promovido pela Universidade de São Paulo, em 1990, nos quais Medina afirma que “sonhar é preciso, porque temos potencialmente recursos para produzir sentidos em que ética, técnica e estética estejam a serviço de uma estratégia humanizadora de Jornalismo” (1991, p. 197).

Acreditamos que alguns desses “potenciais recursos” engendram narrativas jornalísticas em quadrinhos na segunda década do século 21 no Brasil, atendendo a ambições da tríade proposta, a começar pelo comprometimento ético, em diversas dimensões. Os autores assumem pautas locais, como as histórias de vítimas do regime militar em Curitiba, em um relato inédito e perturbador de Robson Vilalba (2015), primeiramente publicados no jornal *Gazeta do Povo*. Vilalba pesquisa, roteiriza, escreve e desenha a perseguição e morte a negros e índios no Paraná, denunciando locais de confinamento, tortura e morte, espécie de campos de concentração à brasileira. O recorte é incomum: os relatos da repressão militar instaurada em 1964 no Brasil tendem a focar operários e estudantes das capitais, como a narrativa em quadrinhos *1968 ditadura abaixo* (URBAN, CALDAS, 2008), vivida por universitários da mesma Curitiba. No livro de Vilalba (2015), as vítimas são negros e índios, da capital e do interior, e alguns teriam sido levados para outros estados. Assim colocadas as pautas, faz bastante sentido a afirmação de que “a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11).

Em Fortaleza, Talles Rodrigues, outro novo autor de jornalismo em quadrinhos, produziu a primeira versão de sua narrativa visual para finalizar a graduação, depois publicou-a em livro, por editora, em 2015. A postura ética, afeta aos problemas locais, é similar à de Robson Vilalba, em Curitiba, descrito anteriormente: no Paraná, ele denuncia minorias vitimadas pela ação governamental; em Fortaleza, Talles Rodrigues recupera a história de mulheres atacadas por maníaco sexual no bairro José Walter, periferia da capital cearense, no início dos anos 1980. O criminoso cortava as nádegas

das vítimas e, pela natureza dos ataques, ficou conhecido como “cortabundas”, expressão popularizada e incorporada ao título do livro. Segundo Medina, a “construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos”, (2003, p. 74)

Quase trinta anos depois dos ataques em Fortaleza, Talles Rodrigues, graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), sai em busca das vítimas para ouvir sua oratura. Elas aceitam dar depoimentos, revivendo traumáticas memórias, base das imagens e textos da narrativa jornalística em quadrinhos intitulada *Cortabundas – o maníaco do José Walter*.

Aqui a explicação de Cremilda Medina é novamente adequada:

A narrativa oscila então entre a cena do acontecer e o mundo das ideias e dos dados objetivos mensuráveis. A razão analítica amplia o desempenho técnico impelida pela experiência sensível do contato, da ida a campo e do fato de estar afeto ao acontecer humano. A ética solidária lubrifica a técnica, que se expressa numa ação original, a da autoria da assinatura coletiva. (MEDINA, 2010, p. 152-153).

Com a publicação de quatro longas narrativas jornalísticas em quadrinhos, o ano de 2018 ofereceu mais exemplos ao conjunto que estamos caracterizando – trabalhos de conclusão de curso com temática humanitária e local, colocados no mercado por recém-formados. E, no mesmo ano, autores profissionais lançam novos trabalhos.

Entre os estreantes, Menezes e Ribeiro (2018) ampliam limites éticos ao irem além da abordagem óbvia dos policiais, em seus desvios. Ao invés de apontar falhas recorrentes, *Socorro! Polícia!* pretende reportar a versão dos profissionais de segurança: baixos salários, más condições de trabalho, descontrole psicológico, falta de reconhecimento social. A abordagem corajosa vai na contramão da tendência dominante na imprensa e tem o bom senso de não laurear acriticamente os policiais, como certos programas de rádio e televisão, posicionamento ético ainda mais complexo na polarizada sociedade brasileira.

Outro estreante em 2018 é de Campo Grande, graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Norberto Liberator Neto escreveu e desenhou *Diasporados: uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes*, mostrando a variedade de libaneses, paraguaios, japoneses, bolivianos, armênios e brasileiros de outras partes do país vivendo na capital mato-grossense. A obra venceu o Prêmio Expocom Centro-Oeste 2019 e foi finalista do Prêmio

Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Ainda sem publicação em livro impresso, está disponível gratuitamente na internet.

Conforme Costa, o comprometimento ético independe da plataforma na qual o conteúdo jornalístico é veiculado:

Ética e linguagem, ética e representação, ética e interpretação; em nenhum momento do fazer jornalístico a questão ética se dissocia desse fazer, seja nas atitudes consideradas éticas ou antiéticas, seja na teoria, seja na prática. Nem para a velha, nem para as novas mídias. (COSTA, 2009, p. 257).

Também em 2018, Alexandre de Maio, quadrinista com reportagens jornalísticas publicadas em veículos nacionais da grande imprensa e fora dela, publica sua primeira longa narrativa em quadrinhos, *Raul*. Trata-se de obra biográfica, a trajetória do jovem que queria ter sido cantor de *rap*, mas a especialidade criminosa falou mais alto: ele clonava cartões de crédito, delito cujo praticante é apelidado genericamente de Raul.

O mesmo Alexandre de Maio lançou outro olhar para as bordas, ainda em 2018, ao compor a dupla de desenhistas que, com a repórter Priscila Pacheco, mostrou em quadrinhos as dificuldades do time de futebol feminino e indígena de Parelheiros, no extremo sul da capital paulista. *Minas da várzea* (BORGES, MAIO, PACHECO, 2018), foi a primeira publicação em quadrinhos realizada pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias, mas apesar de sair em formato de livro, é a narrativa de menor fôlego entre as discutidas neste artigo.

O comprometimento com questões afetas à mulher também pauta as narrativas publicadas em 2019, especificamente prostituição e aborto. Dois, entre três, são projetos apresentados para graduação, depois comercializados, com especificidades como o financiamento público em campanha virtual, edital de financiamento e, em relação à linguagem, reportagem combinando desenhos e fotos.

Freitas, Martins e Vicentis mergulham na vida de mulheres idosas que se prostituem no Parque da Luz, no centro da capital paulista. Em *Parque das Luzes* (2019), o compromisso ético de humanizar a abordagem não prioriza a atividade profissional, mas a vida das mulheres fora das ruas, seus sonhos e desejos, cuidados com o corpo, projetos de vida. “Esta HQ é resultado de um ano ouvindo as mulheres em situação de prostituição no parque da Luz”, lemos na apresentação.

A postura de escuta atenta e aberta implica, segundo Cremilda Medina, em “estar afeto a”, conforme o pressuposto de comprometimento ético solicitado na situação da entrevista. Nela, o diálogo pode não acontecer: “se trata, por um lado, da modernização técnica dos processos profissionais e, por outro, da permanente busca do Diálogo Possível”, (2001, p. 37). Retomando a discussão em outra obra, a mesma autora afirma que “a alergia ao diálogo dos afetos constitui o dilema do analfabetismo emocional contemporâneo” (2003, p. 60).

Também afetas ao contexto feminino, Fonseca e Nascimento (2019) narram em quadrinhos a história de três mulheres que realizaram abortos clandestinos. O livro teve financiamento de edital de Jornalismo Investigativo e Direitos Humanos, Aborto e Saúde Pública, realizado pelo Instituto Patrícia Galvão com apoio da Abraji e da Global Health Strategies Brasil. Foi premiado na categoria Arte na 41ª edição do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos e está disponível gratuitamente na internet. Aborto deveria estar entre os principais temas de saúde pública, sobretudo nas periferias brasileiras, e pautar o assunto, sem criminalizar, pressupõe inegável comprometimento ético.

Este balanço do aspecto ético fecha com obra característica do conjunto: novamente trabalho de conclusão de curso, desta vez com financiamento público pela internet para publicação em livro e a necessidade ética de registrar pauta local, o descaso com populações ribeirinhas do Rio São Francisco. A dupla Güllich e Velozo percorre de barco comunidades cujas terras originais foram alagadas pela Usina Hidrelétrica de Belém do São Francisco, no início dos anos 1980. Predominam quadrinhos desenhados e fotos; em menor número, há reprodução de jornais da época do alagamento.

Eis o viés ético caracterizador dessas obras brasileiras recentes de jornalismo em quadrinhos, expressadas, primeiramente, no compromisso com pautas locais de apelo humanitário; na tentativa de interferir no debate público colocando no mercado um produto, a princípio, acadêmico; ou na tendência eticamente democrática, que descentra o majestático narrador autoritário, único e masculino, em prol da autoria coletiva.

Até aqui, apresentamos o “símbolo estimulante” do primeiro elemento da tríade “eticamente solidária, tecnicamente competente e esteticamente criativa” (MEDINA, 2014, p. 92). Antes de passarmos aos aspectos racionais e estéticos, sistematizamos as obras e suas características gerais no quadro abaixo.

Quadro 01 - Obras jornalísticas brasileiras em quadrinhos, 2015-2019

ANO	TÍTULO	ESPAÇO	CURSO INSTITUIÇÃO	FORMATO	EDITORA/ VALOR
2015	Notas de um tempo silenciado	Curitiba, PR		Impresso	Besouro R\$ 70,00
2015	Cortabundas	Fortaleza, CE	Jornalismo UFC	Impresso	Draco R\$ 30,00
2016	Quatro Marias	São Paulo, SP	Jornalismo FCL	Site	Acesso Gratuito
2017	Alvorada em quadrinhos	Alvorada, RS	Com. Digital Unisinus	Impresso	Do autor R\$ 40,00
2018	Socorro! Polícia!	Brasil	Jornalismo UFSC	Impresso	Draco R\$ 30,00
2018	Diasporados	C. Grande. MS	Jornalismo UFMS	PDF	Acesso Gratuito
2018	Raul	São Paulo, SP		Impresso	Elefante R\$ 40,00
2018	Minas da várzea	São Paulo, SP		Impresso	Flutuante Gratuito
2019	Parque das Luzes	São Paulo, SP	Jornalismo FCL	Impresso	Autoras R\$ 35,00
2019	Tira	Recife, PE		PDF	P. Galvão Gratuito
2019	São Francisco	Pernambuco/ Paraíba	Jornalismo UFPB	Impresso	Autores Gratuito

Fonte: O autor

Similares nas opções temáticas, essas narrativas jornalísticas em quadrinhos mantêm ainda outras confluências e diferenças não explicitadas pela tabela. As 12 obras reúnem desenhistas, fotógrafos, roteiristas, repórteres, entre outras e outros profissionais, totalizando 20 pessoas diretamente envolvidas.

A maioria são mulheres (12), e em pelo menos metade das histórias a ação central não ocorre na capital paulista. Um terço das obras teve origem em trabalhos de conclusão de curso de Jornalismo em universidades federais (06) e a mesma quantidade foi impressa para comercialização, metade por editoras, metade pelas autoras e autores.

Cinco narrativas jornalísticas em quadrinhos estão disponibilizadas gratuitamente na internet. Entre as vendáveis, somente duas são de autores estabelecidos, Alexandre de Maio e Robson Vilalba. O valor médio das obras é de R\$ 40,00.

Racionalidade complexa

Histórias construídas a partir de depoimentos e representadas com desenhos estão marcadas pelas subjetividades de quem conta e reconta. Mas nem por isso a produção recente de jornalismo em quadrinhos no Brasil abre mão de signos da racionalidade informacional complexa. Não faltam mapas, estatísticas oficiais, dados numéricos, alguns obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI), ferramenta essencial do jornalismo contemporâneo.

A LAI, de 2012, permite a qualquer cidadão requerer informações do poder público, em qualquer nível, e vem sendo crescentemente utilizada por repórteres na cobertura cotidiana, sobretudo na internet, recurso presente no jornalismo em quadrinhos nacional que estamos analisando. Em *São Francisco* (2019), Güllich e Velozo vão de barco em busca de personagens, mas atendem à racionalidade numérica usando dados obtidos via LAI no ministério do Desenvolvimento Regional. Através deles, ficamos sabendo que o eixo Leste da transposição do Rio São Francisco custou mais de R\$ 3,5 bilhões, entre materiais e serviços.

São Francisco evita o erro de atribuir causa única aos problemas, percebe-se a multicausalidade dos fenômenos ou, conforme Cremilda Medina:

O aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o factual), a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo), as raízes histórias do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas. (MEDINA, 2003, p. 126-127).

A forma clássica de extrapolar os números, no jornalismo, é ir a campo procurar corpos e rostos compilados nas estatísticas. Para comporem a narrativa em quadrinhos e fotos do rio São Francisco (2019), a jornalista-quadrinista e o fotógrafo percorreram mil quilômetros durante quinze dias. Partiram de Belém do São Francisco, cruzaram o estado de Pernambuco e chegaram a Monteiro, na Paraíba. Se existem os números, existem as pessoas.

Segundo Medina, “desde que a expansão da internet permitiu a produção e a divulgação da notícia em rede, o jornalismo vem renunciando a uma das suas mais

nobres funções: dar testemunho dos fatos estando presente de corpo e alma lá onde os fatos acontecem”, (2016, p. 249).

A presentidade matiza as estatísticas em outras produções jornalísticas em quadrinhos, como o número de abortos no Brasil, que é negado por todas as obras sobre o tema coligidas para este artigo. E não só negado: é discutido, comparado, contraposto. Vilalba (2015) levanta a desconfiança bastante embasada de que a falta de estatísticas da morte de indígenas pela Ditadura pode esconder realidade chocante: eles morreram mais do que todos os moradores da cidade.

Para fazer narrativa em quadrinhos é preciso vivenciar muitos encontros e visitas com imigrantes, mulheres em situação de prostituição ou que realizaram abortos clandestinos, vítimas do regime militar, criminosos, pescadores, índios. Especificamente na situação de entrevista, Cremilda Medina insurge-se contra o engessamento da fundamental relação humanizada entre entrevistador e entrevistado. Quando automatizada ou pouco fluente, a tentativa de entrevista fracassada é representada por Medina pela fórmula EU-ISTO, evidenciando a objetificação do humano ser respondente. A alteração paradigmática proposta pela autora visa mudar a relação para EU-TU, sem garantia alguma de ocorrer, mas fazendo todo o esforço técnico (preparo prévio, paciência, sensibilidade), ético (abertura à escuta) e estético (assumir o vocabulário alheio, por exemplo). “A única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, um TU-PESSOA e não um TU-ISTO”, com maiúsculas do original (MEDINA, 2001, p. 13).

Além do contato com a realidade e do desafio da entrevista, a racionalidade complexa se expressa nos apêndices das obras. Eles são recorrentes, a começar pela origem acadêmica da maioria dos trabalhos. O motivo menos aparente, entretanto, é a compreensão equilibrada entre a fluidez da narrativa e os dados arrolados. Ou seja, muitos números e informações históricas podem dificultar o andamento da história em quadrinhos; então os apêndices são reservados para dar informações, funcionando como seções autônomas, dada à extensão e profundidade.

O apêndice da obra reportando em quadrinhos a perseguição do regime militar a negros e indígenas no Paraná traz complementos substanciais (VILALBA, 2015, p. 82-102), editados com esmero, conteúdo pensado especificamente para a seção acessória, bem diferente da burocrática lista de referência de trabalhos acadêmicos. Na obra de Vilalba, o complemento tem diagramação específica em duas colunas, parecendo

páginas de jornal ou revista, com imagens e textos de diversos autores, podem ser leitura individual.

Os apêndices complementam os dados da narrativa principal em quadrinhos, trazem novas informações e exploram pontos de vista que não estão na história: “Uma situação complexa que exige aprendizado na narrativa da contemporaneidade é a da intercausalidade das coisas, substituindo a concepção de que qualquer situação decorre de um único fator causador”, conforme aponta Medina (2003, p. 118).

Segundo Mancini e Vasconcellos (2016), quando o uso de dados e sua comunicação jornalística são consequentes, atendem “três dimensões” relativas às “competências que o jornalismo pode ou não adotar” – estamos argumentando no sentido de as narrativas jornalísticas em quadrinhos nacionais atenderem a tais pressupostos, assim explicados em seus três aspectos interdependentes:

A dimensão investigativa (atuação proativa na busca de dados e revelações), a interpretativa (capacidade ou interesse em expor relações de causas ou consequências entre os dados) e a dimensão comunicativa (a centralidade da visualização do dado, compreendido aqui como um componente que ajuda o leitor a entender por imagens as relações entre os dados). (MANCINI, VASCONCELLOS, 2016, p. 81).

A reprodução abaixo pretende ilustrar esses pressupostos teóricos enunciados na chave do racional-complexo. São quatro páginas de *Socorro! Polícia!* (2018), nas quais a situação dos agentes de segurança é matizada com diversidade de opiniões, números de pesquisa e a presença em cena da personagem policial conduzindo a explicação jurídica, enquanto, na última página, percebemos o quanto seria complexo atribuir aos municípios a manutenção dos grupamentos policiais.

Figura 01 – Socorro! Polícia! Páginas 59, 60, 61 e 64.

DESMILITARIZAR A POLÍCIA É ESSENCIAL. ELA É TREINADA PARA COMBATER O INIMIGO E NÃO PARA PROTEGER O CIDADÃO.¹

LUÍZ EDUARDO SOARES - ANTRÓPOLOGO

ISSO É UM DISCURSO IMPORTADO. AS TÉCNICAS QUE NÓS UTILIZAMOS FORAM TRAZIDAS PELA CRUZ VERMELHA, QUE FEZ UM GRANDE ESFORÇO DE HUMANIZAÇÃO.²

CARLOS ARAJO - CORONEL DA PMSC

GRACAS À MILITARIZAÇÃO, ALGUNS CORONÉIS ASEM COMO SE FOSSEM SENHORES FEZEM. QUEREM AS ÁREAS DE ATUAÇÃO COMO SE FOSSE UM MUNDO QUE ELAS PODEM CONTROLAR.³

RAFAEL SILVA - EX-SOLDADO DA PMSC

QUEREM É QUEBRAR A DISCIPLINA E A HIERARQUIA QUE EXISTE EM QUALQUER CORPORAÇÃO. NÃO É PORQUE ELA É MILITAR QUE AGE SÓ COMO MILITAR.⁴

JAIR TEDESCHI - CORONEL REFORMADO

A PM MATÁ PORQUE TEM O MESMO TREINAMENTO DO MILITAR DAS FORÇAS ARMADAS QUE COMBATE INIMIGOS.⁵

CRICO LOPES - DEPUTADO FEDERAL

A DESMILITARIZAÇÃO NÃO RESOLVE O PROBLEMA TODO. AÍSE PORQUE AS POLÍCIAS CIVIS TAMBÉM SÃO LETRAS.⁶

IGNÁCIO GANO - SOCIOLOGO

MAS É O QUE É QUE OS POLICIAIS ACRAM DISSO? DE ACORDO COM A PESQUISA DO FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA...

73,8% CONCORDAM TOTALMENTE OU EM PARTE QUE A PM NÃO DEVERIA SER FORÇADA A SER EXERCÍCIO

57,6% DISCORDAM TOTALMENTE QUE A PM DEVERIA ACABAR COM A HIERARQUIA E A DISCIPLINA

SÓ QUE DESMILITARIZAR NÃO É ELIMINAR A HIERARQUIA E A DISCIPLINA, MAS SIM ELIMINAR DISPOSITIVOS QUE NÃO PERMITEM QUE O POLICIAL TENHA ACESSO AOS DIREITOS CONSTITUCIONAIS BÁSICOS.

ATUALMENTE ELAS...

NÃO TEM DIREITO A GREVE.⁷

PODEM TRABALHAR MAIS DE 44 HORAS SEMANAIS.⁸

E TAMBÉM PODEM TRABALHAR NA FOLGA SEM RECEBER HORA EXTRA!⁹

OUTRA PROPOSTA QUE GERA DISCORDÂNCIAS É A QUE DELEGA UMA PARTE DA RESPONSABILIDADE SOBRE AS POLÍCIAS ESTADUAIS PARA OS MUNICÍPIOS.

HOJE, A PM E A PC ESTÃO SUBORDINADAS AOS GOVERNADORES DOS ESTADOS, E OS MUNICÍPIOS TÊM POUCO PODER SOBRE ELAS.

A PEC 51 PRETENDE PASSAR UM POUCO DA RESPONSABILIDADE PARA OS MUNICÍPIOS, QUE PODERÃO CRIAR SUAS PRÓPRIAS POLÍCIAS, BASEANDO-SE EM NECESSIDADES TERRITORIAIS E CRIMINAIS.

POR EXEMPLO, SE UM MUNICÍPIO ACHAR PRECISO, PODEM CRIAR UMA POLÍCIA PARA ATENDER A UM BARRIO ESPECÍFICO OU PARA COMBATER CERTO TIPO DE CRIME.

A PRINCIPAL CRÍTICA À PROPOSTA É: COMO VAMOS CONSEGUIR EFETIVO SUFICIENTE?

AGORA VAMOS VER PORQUE ESSE ASSUNTO VIRA E MEXE VOLTA À TONA.

ACHO QUE CONSEGUIR EXPLICAR BEM, NEZ?

ESTÁ EM TRAMITAÇÃO NO CONGRESSO UM PROJETO DE EMENDA CONSTITUCIONAL QUE FOI APELIDADO DE PEC DA DESMILITARIZAÇÃO.

PEC 51

MAS ELE PREVÊ UMA SÉRIE DE OUTRAS REFORMAS NO MODELO ATUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. ENQUANTO ALGUMAS GERAM DISCUSSÃO, OUTRAS SÃO PRATICAMENTE UNANIMIDADE.

POLÍCIA DE REpressão DE DROGAS

Fonte: (MENEZES, RIBEIRO, 2018)

Esteticamente renovadoras

Neste tópico, concentramos a discussão na estruturação da longa narrativa jornalística em quadrinhos. Conforme são mais ou menos ortodoxas – temporalmente lineares ou não, por exemplo – poderemos observar seu grau de arrojo estético.

Alvorada em quadrinhos (2017), mencionado na abertura deste artigo, é narrativa constituída de histórias curtas, com os personagens unificados geograficamente, todos moradores de Alvorada (RS). Conforme lemos seus depoimentos, a cidade vai se desenhando. Mesmo cabendo a crítica quanto aos perfis precisarem ser mais profundos, o que não foi possível em quatro páginas para cada um, *Alvorada em quadrinhos* lança-se ao desafio de construir longa narrativa jornalística como álbum de pessoas, diferente também no formato: parecido com livro de bolso, é quadrado, ao invés do losango comum de publicações portáteis.

Histórias de personagens estão melhor desenvolvidas em *Quatro Marias*, projeto de jornalismo em quadrinhos para site, originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo (D'ANGELO, GOMES, 2016). São quatro histórias de mulheres que abortaram: “Maria Dentro da Lei”, “Maria Mudança”, “Maria Memória” e “Maria Julieta”. Os nomes contêm as semelhanças, todas fizeram aborto, e diferenças nas variadas situações de saúde, em clínica, com remédio, com e sem ajuda de amigas, entre outras dificuldades mais ou menos assistidas. *Quatro Marias* explora as potencialidades do site, oferecendo bastidores, processo de criação, rascunhos, biografias das autoras, entre outros atrativos.

Isso quanto às relações entre personagens. Do ponto de vista da estruturação da narrativa, ela raramente é modificada em seus aspectos constituintes, como o tempo, quase sempre linear. E as ações, encadeadas retilinearmente, a anterior provocando a posterior, em relação de causa e consequência, é predominante, enquanto fatos simultâneos impõem desafio complexo, raramente representado, mesmo com a possibilidade de o desenho mostrar ações diferentes ao mesmo tempo, na mesma página.

Porém, a simultaneidade das ações é exatamente a estratégia narrativa de *Tira* (FONSECA, NASCIMENTO, E., 2019). Os abortos praticados por três mulheres são contados como se fossem um. Se elas se encontram na mesma dor, o desafio estético é

representar a confluência na narrativa. Por isso, em momentos distintos, a primeira personagem aparece descobrindo a gravidez; a segunda é retratada no momento do aborto; a terceira sofre os rebatimentos físicos e psicológicos, até que, no final, em competente amarração, o rosto das três divide a mesma página. A passagem da história de uma personagem para outra é hábil, sutil, não nos damos conta de que as mulheres estão se alternando nas páginas, pois a trajetória é comum. (FONSECA, NASCIMENTO, E., 2019, p. 13).

Constitui-se autoria de caráter coletivizante, que não se confunde com o fato da narrativa jornalística em quadrinhos ter sido produzida por três autoras. A marca autoral soa, ou é enunciada, como um único discurso coletivo, resultado do trabalho em equipe, sobretudo de edição: “a orquestração da produção simbólica nas narrativas da contemporaneidade exige então a edição de autor, técnica, ética e esteticamente motivada para a dialogia”, conforme Medina (2010, p. 150).

Tecnicamente, o engendramento de uma história na outra, como os abortos das três personagens, chama-se “encaixe”. Para Todorov, explicita a “propriedade mais profunda de toda a narrativa”:

A narrativa encaixante é a narrativa de uma narrativa. Contando a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencial e, ao mesmo tempo, se refere nessa imagem de si mesma; a narrativa encaixada é ao mesmo tempo a imagem dessa grande narrativa abstrata da qual todas as outras são apenas partes ínfimas, e também da narrativa encaixante, que a precede diretamente. Ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através do encaixe. (TODOROV, 1969, p. 126).

Em *Tira* (FONSECA, NASCIMENTO, E., 2019), as narrativas de aborto são encaixadas e encaixantes em prol do reforço da voz enunciativa que se pretende plural. Segundo Cremilda Medina, o esforço ético, técnico e estético culmina em narrativas polifônicas e polissêmicas.

Nas obras analisadas neste artigo, conforme pontuamos, aparecem, por exemplo, a inevitável reunião de autoras e autores para produção. Do conjunto comentado de doze longas narrativas em quadrinhos, metade são assinadas por mais de uma autora ou autor, criadores de narradores, conforme pressupostos da narratologia (LOPES, REIS, 1988, TODOROV, DUCROT, 1988). Para Cremilda Medina, “o narrador diluído, em que

desaparece o papel de condutor dos fatos, está atrás e habilmente puxa para a frente aqueles conteúdos reveladores de toda a dinâmica da cultura anônima”, (1988, p. 110).

O sentido de ampliação de vozes também é geográfico, conforme notamos, com narrativas fora do eixo Rio-São Paulo, especificamente Alvorada, na Região Metropolitana de Porto Alegre, Fortaleza, Curitiba e interior do Paraná, Campo Grande, Pernambuco e Paraíba.

Um outro sentido de ampliação de vozes é o financiamento público dos projetos editoriais, aglutinando interessados, admiradores e possíveis leitores em torno da obra, antes da publicação. Do conjunto analisado neste artigo, duas foram financiadas através do site Catarse, especializado em campanhas de arrecadação pela internet: *Cortabundas – o maníaco do José Walter* (RODRIGUES, 2015) e *São Francisco* (GÜLLICH, VELOSO, 2019).

Esse último é concebido como projeto editorial convergente, conforme descreve Jenkins (2009). Isso significa que o investimento financeiro e jornalístico não se esgotou no livro impresso, gerando diversos produtos autônomos e correlacionados. Apoiadores que financiaram publicamente a iniciativa receberam um exemplar do livro-impresso, versão em PDF, marcadores de páginas, adesivos, impressões em papel nobre de desenhos, postais, fotografias em formato A3, originais em nanquim e aquarela, páginas especiais e o zine *Viagem*, com bastidores da reportagem. O frete, grátis para todo o Brasil. A meta inicial de arrecadar R\$ 9.500,00 pelo site Catarse foi superada com R\$ 12.700,00. Exatamente 203 pessoas contribuíram com diferentes valores².

Percepções possíveis até aqui

Consideramos que o conjunto de obras recenseadas e discutidas tem implicações no ensino, produção e circulação de conteúdo jornalístico no Brasil. Do ponto de vista pedagógico, existe a possibilidade de narrativas jornalísticas em quadrinhos estarem sendo apresentadas nos cursos de Comunicação, possivelmente em aulas específicas de Jornalismo, pois não imaginamos a existência de disciplina exclusiva para o tema.

² O projeto foi encerrado no Catarse em 10/11/2019, superando em 133% a meta inicial, conforme disponível em <https://www.catarse.me/saofranciscohq>. O livro *Cortabundas*, com produção projetada em R\$ 5.000,00 no mesmo site Catarse, arrecadou R\$ 6.074,00, atingindo 121% do orçamento. Foi apoiado por 153 pessoas e encerrado em 26/02/2014, conforme disponível em <https://www.catarse.me/pt/paniconojosewalter>.

Mas podemos inferir o impacto de sua disseminação pela preferência de graduandas e graduandos ao escolherem o formato de seus trabalhos de conclusão de curso. Vários citam Joe Sacco como referência. Contudo, nenhuma menção se faz ao pioneiro do jornalismo em quadrinhos no mundo, o italiano que escolheu o Brasil como pátria, Ângelo Agostini. Trata-se de lacuna curricular preocupante, novamente estaríamos recorrendo a modelos estrangeiros e desconsiderando as criações locais.

Outra possibilidade de ocorrência pedagógica estaria no incentivo a que trabalhos de conclusão de curso não terminem esquecidos. Coutinho (2019) pesquisou o destino das produções finais de Jornalismo em São Paulo e entorno, constatando o abandono dos trabalhos. Poucos são guardados e a maioria das instituições sequer os disponibiliza via internet. Diante disso, fazer as narrativas jornalísticas em quadrinhos chegarem ao mercado significa furar um cerco histórico de desprezo pela produção acadêmica de graduandas e graduandos, vítima, entre outros equívocos, da hierarquização que pressupõe qualidade científica somente na pós-graduação, atrasos comuns ao pensamento jornalístico e científico, conforme demonstrou Cremilda Medina (2008).

Também animador é o fato de autoras e autores aparentemente não dependerem de editoras constituídas para fazerem circular suas narrativas jornalísticas em quadrinhos. Seria confiança no apelo do formato, popularizado com ficção e, no Brasil, incentivado pela divulgação da obra de Joe Sacco? Outra pergunta ainda precoce é saber se as obras disponibilizadas gratuitamente não encontraram ou não procuraram mercado.

O uso de imagens fotografadas e manipuladas para parecerem desenhos em quadrinhos é técnica que não verificamos nas obras analisadas, mas pode ser incentivada e pesquisas futuras devem explorar variações de construção da linguagem. Essas questões demandam pesquisa específica, entre autores, verificando ainda tiragem e repercussão das obras. Valeria também investigar entre as editoras e lojas especializadas.

É o que nos propomos realizar em futuro artigo, se a produção se mantiver ou não, o que é igualmente relevante para a pesquisa.

Referências

- AGUIAR, P. D. S. **Alvorada em quadrinhos**. Porto Alegre: do autor, 2017.
- CALDAS, G., URBAN, T. **1968 ditadura abaixo**. Curitiba: Arte & Letra, 2008.
- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, C. T. **Ética, jornalismo e nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- COUTINHO, Emílio. **Os desafios de preservação da memória e divulgação dos TCCs de jornalismo em São Paulo**. Dissertação de mestrado, FIAM-FAAM – Centro Universitário.
- D'ANGELO, H., GOMES, J. **Quatro Marias**. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, Faculdade Cásper Líbero (FCL), 2016. Site disponível em <https://quatromarias.com/>
- DUCROT, O., TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FONSECA, N., NASCIMENTO, E. **Tira**. São Paulo: Abraji/Instituto Patrícia Galvão, 2019. Disponível em <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/dsr/tira-livro-reportagem-em-quadrinhos-sobre-aborto-inseguro-ganha-premio-vladimir-herzog/> Acesso em 15/06/2020.
- FREITAS, T., MARINS, C., VICENTIS, M. **Parque das luzes**. São Paulo: Edição das autoras, 2019.
- GÜLLICH, G., VELOSO, J. **São Francisco**. João Pessoa: Cartarse, 2019.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LIBERATOR, N. **Diasporados**: uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes. Campo Grande: Edição do autor, 2018. Disponível em <https://diasporados.wordpress.com/> Acesso em 10/06/2020.
- LOPES, A. C. M. L.; REIS, C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- MAIO, A. **Raul**. São Paulo: Elefante, 2018.
- MANCINI, L., VASCONCELLOS, F. **Jornalismo de dados: conceito e categorias**. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, 18 (1), 2016, pp. 69-82.
- MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, C. **Anais do 1º seminário transdisciplinar: a crise dos paradigmas.** São Paulo: ECA/USP, 1991.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2001.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente.** São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, C. **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas.** São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010.

MEDINA, C. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter.** São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, C. **Ato presencial: mistério e transformação.** São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MENESES, L. F., RIBEIRO, A. **Socorro! Polícia!** São Paulo: Draco, 2018.

BORGES, M., MAIO, A., PACHECO, P. **Minas da várzea.** São Paulo: Casa Flutuante, 2018.

RODRIGUES, T. **Cortabundas: o maníaco do José Walter.** São Paulo: Draco, 2015.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas.** Tradução Moysés Baumstein. São Paulo: Perspectiva, 1969.

VILALBA, R. **Notas de um tempo silenciado.** Porto Alegre: Besouro Box, 2015.